

UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO MODO VERBAL NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

A DIALOGICAL ANALYSIS OF VERBAL MODE IN TRADITIONAL GRAMMARS

Marcos de Araujo Nascimento

Mestre em Linguística pelo PPGL da PUCRS, orientado neste artigo pelo professor Dr. Cláudio Primo Dela-
noy na disciplina de Leitura, Texto e
Discurso.

RESUMO

O presente artigo traz a questão sobre como a gramática tradicional apresenta a construção do sentido do modo subjuntivo a partir somente da forma verbal, sem levar em consideração a relação entre os interlocutores que utilizam a língua em um contexto ou situação real de uso. Para Bakhtin (2006), não há linguagem fora da relação entre os interlocutores. Na gramática tradicional, os modos verbais estabelecem a construção de seu sentido pela forma, e, para Bakhtin, as relações são as construtoras do sentido. Comungamos da ideia de Bakhtin de que o sentido é construído nas relações e mostraremos que a gramática tradicional muitas vezes peca em afirmar que a forma detém o sentido em si mesma.

Palavras-chave: Gramática tradicional. Dialogismo. Modo Verbal. Relações.

ABSTRACT

The present article raises the question as to how the traditional grammar presents the construction of the sense of the subjunctive mode from the verbal form only, without taking into account the relation between the interlocutors that use the language in a context or real situation of use. For Bakhtin (2006), there is no language outside the relationship between the interlocutors. In traditional grammar, verbal modes establish the construction of meaning by form, and for Bakhtin, relations are the constructors of meaning. We commented on Bakhtin's idea that meaning is built in relationships and will show that traditional grammar often sins in claiming that form holds meaning in itself.

Keywords: Traditional grammar. Dialogism. Verbal mode. Relations.

1 INTRODUÇÃO

Para a apresentação deste artigo, mostraremos inicialmente como algumas gramáticas conceituam o modo Subjuntivo dos verbos em língua portuguesa. Consideramos que, segundo Bakhtin (2006), não há linguagem sem uma relação entre interlocutores. A construção do sentido das palavras é estabelecida por essas relações que, no uso real, formulam e reformulam seus significados. Serão mostradas as definições de modo verbal segundo as gramáticas de Cunha, Bechara e Houaiss. Suas definições possuem variações que serão exploradas e expostas neste artigo.

Apresentaremos também um exemplo de um texto literário retirado de um livro intitulado “As mais Belas páginas da Literatura Árabe” e nesse texto apresentaremos um mesmo vocábulo que assume dois sentidos diferentes estabelecidos peça relação e interação entre os interlocutores apoiados pelo contexto linguístico a que se aplica, e não pela forma ou conceito do vocábulo em si.

2 A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO PARA BAKHTIN

Em seus estudos na obra *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin nos faz algumas ressalvas, dentre elas ele critica algumas abordagens que a linguística tradicional da época fazia. “Quase não se levava em conta a questão da linguística geral do enunciado e dos seus tipos” (BAKHTIN, 2006, p. 263). Para ele é através dos enunciados concretos que a língua passa a integrar a vida. O enunciado seria individual, mas os campos de utilização da língua seriam os responsáveis por elaborar seus enunciados que ele denomina *gêneros do discurso*. Esses gêneros seriam tipos relativamente estáveis de enunciados, e quando ele menciona essa relativa estabilidade trata-se mais uma vez de uma alusão ao uso. Em determinado uso o gênero relativamente estável pode adquirir nova forma, se subverter diante da necessidade comunicativa em que está apresentado e isso faz dos gêneros do discurso capazes de infinitas pos-

sibilidades, visto que são inesgotáveis as possibilidades das atividades do homem, ainda segundo Bakhtin.

O conceito de Dialogismo estabelecido por Bakhtin afirma a impossibilidade de construção de um sentido no discurso sem a contribuição do que revela o texto do outro. A constante interação é vital para que haja qualquer transmissão de enunciados.

A ideia da importância do outro não nasce com Bakhtin, as relações já eram objetivo de reflexão de Platão, por exemplo, como veremos no tópico a seguir.

2.1 A alteridade em Platão e as relações

Para Platão, a alteridade, ou seja, “o outro”, era a possibilidade, e uma das propriedades gerais das ideias ou formas. A alteridade existe de forma concomitante com as categorias fundamentais da realidade: o movimento, o repouso, o mesmo, o ser e o outro. Para Platão nada pode ser isolado, tudo que é isolado degenera e morre, porque perde o sentido. Uma coisa é o que a outra não é, para ele. Nisso temos a alteridade. As coisas não teriam sentido se não temos algo comparando. Relações são fundamentais sempre para se construir o sentido das coisas. (BRIZUEÑA, [S.d.], p.1). Na alteridade as relações constroem sentido porque é a partir delas que temos o sentido evocado, sentido único gerado pela relação no momento em que ela acontece.

3 A NOÇÃO DE MODO NA GRAMÁTICA DE CELSO CUNHA

As gramáticas utilizadas nas escolas divergem, às vezes de forma sutil e às vezes de forma evidente, quanto às explicações fornecidas para algumas classes gramaticais. Para este estudo escolhemos analisar e verificar inconsistências entre o que dizem algumas gramáticas, iniciando pela gramática de Celso Cunha.

No recorte da conceituação de modo verbal na parte de estudo das classes gramaticais, a abordagem de Celso Cunha parece conduzir o leitor para uma definição de modo em

que o verbo assume novas formas para indicar o sentido que o modo expressa:

Chamam-se MODOS as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia. Há três modos em português: o INDICATIVO, o SUBJUNTIVO e o IMPERATIVO. Dos seus valores e empregos tratamos, com o necessário desenvolvimento, adiante [...] (CUNHA; CINTRA, 2007)

Ao tomar a forma como sendo o designador de sentido, a gramática de Celso Cunha não comunga do princípio que Bakhtin tem como essencial para a construção de sentido, ou seja a relação. A atitude que ele expressa na linha 2 da definição é exatamente dos sentidos que os modos verbais em língua portuguesa apresentam para justificar-lhes os nomes recebidos: de certeza, de dúvida, de suposição de ordem.

A forma exclui a presença de uma relação, já que a forma do verbo é que definiria o sentido nesse caso do conceito construído por Celso Cunha. O sentido observado a partir da forma não seria suficiente para estabelecer uma relação de dúvida, como é o caso do modo subjuntivo em língua portuguesa, pois apenas uma relação construída a partir do dialogismo numa situação real de uso nos daria evidências de um sentido duvidoso. O que entendemos aqui é que a rigor não se pode pensar na construção de sentido apenas baseando-se pela forma.

4 A NOÇÃO DE MODO NA GRAMÁTICA DE EVANILDO BECHARA

A gramática de Evanildo Bechara apresenta um conceito melhor elaborado, se tomarmos como ponto de partida a relevância da construção do sentido do modo Subjuntivo em língua portuguesa.

Em sua conceituação Bechara, mesmo falando em posição do falante (o que nos faz lembrar da categoria dos pronomes demonstrativos), cita a palavra “relação” em sua definição para modo. A consideração do falante parece remeter, mesmo que de forma indireta, a uma situação real de interação, de diálogo entre sujeitos:

Modo (PC, AC/PF) - Assinala a posição do falante com respeito a relação entre ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil - como um fato incerto -, como condicionada, como desejada, pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo. (BÉCHARA, 2009)

Para Bechara, a origem dos modos em língua portuguesa vem da consideração do falante a respeito da relação entre ação verbal e seu agente ou fim, e afirma que isso é, evidentemente, o que o falante pensa dessa relação. Ainda não é exatamente a relação proposta por Bakhtin quanto às relações, mas parece haver uma aproximação de sentido construído por relações, embora não declare que ela sejam feitas a partir de interações dos falantes, e sim do que pensa o falante das relações.

Ainda com respeito à ação verbal descrita na definição, não fica claro que é um agente que provoca esta relação ou se o próprio verbo, como categoria gramatical que designa ação, detém esse sentido. Mas ainda assim essa definição diverge de Bakhtin, por não apresentar uma situação real de uso, mas apresentar o “fim” como resultado de uma ação que não teve sua origem em uma interatividade legítima.

5 A NOÇÃO DE MODO NA GRAMÁTICA HOUAISS

A definição de modo verbal na gramática Houaiss foi a que mais se aproximou das ideias de Bakhtin quanto à construção do sentido através das relações nas situações reais de dialogismo.

No início da descrição do estudo dos modos, a gramática Houaiss fala sobre estudos antigos sobre a construção dos enunciados. A partir dessa inferência já podemos observar uma grande diferença entre os exemplos dados anteriormente neste trabalho e uma aproximação maior com as ideias bakhtinianas, especialmente por anunciar a construção dos enunciados. No segundo parágrafo, o autor José Carlos de Azeredo apresenta inclusive o falante e o interlocutor na produção de um enunciado dado como exemplo. Essas observações mos-

tram uma congruência notável com a proposta de Bakhtin de realização dos enunciados numa relação entre interlocutores. Vejamos:

8.8.1 O modo

Ao analisar a categoria do tempo [...] mostramos que o enunciador expressa, por meio de mudanças flexionais do verbo, uma série de relações, às vezes sutis, entre o momento em que ele fala e as épocas em que se situam os fatos a que ele se refere. O enunciador é, de fato, quem comanda variados tipos de relações que a língua permite exprimir. Assim é que, quem diz, por exemplo:

- 1) a porta *está* fechada;
- 2) a porta *estava* fechada;
- 3) a porta *estará* fechada.

em qualquer caso está referindo-se a situações que retrata como reais. Sua relação com o que enuncia é, nestes casos, de certeza. No entanto, se diz:

- 4) É possível que a porta *esteja* fechada;
- 5) Acreditávamos que a *estivesse* fechada;
- 6) Toque a campainha se a porta *estiver* fechada.

o “estado da porta” não é mais uma informação concebida como um dado no mundo, mas a representação da possibilidade desse dado [...] (AZEREDO, 2008)

O autor também deixa claro que a construção do modo está expressa numa série de relações, abrindo margens para se pensar numa construção do sentido do modo a partir dessas relações, sem as quais esse sentido do modo verbal não poderia ser apreendido. A similaridade, talvez não acidental com as ideias bakhtinianas, nos permite sugerir que há uma maior clareza e melhor apreensão de sentido do modo verbal nesta gramática.

Comungamos dos estudos de Bakhtin, no que diz respeito à impossibilidade de se construir sentido fora das relações e condições reais de uso da linguagem, pois são essas relações que nos permitem relacionar o conteúdo do outro com aquilo que o falante ou escritor está apresentando. Assim é possível identificar melhor o real sentido numa situação de uso verdadeira e possível de interação legítima.

6 O SENTIDO CONSTRUÍDO NA INTERAÇÃO

Para exemplificar a importância do sen-

tido construído numa situação real, trouxemos um exemplo de um pequeno texto onde o sentido de “miolo” é construído através da relação entre o falante e o interlocutor. O texto foi retirado de uma compilação organizada por Mansour Challita que se chama “*As mais Belas páginas da Literatura Árabe*”.

GUERRA E MIOLO

Conta Aflahu At-Turki:

Saimos certa vez à guerra, levando um companheiro que insistia em ver como é que é a guerra. A primeira flecha caiu-lhe na cabeça. Chamamos um médico, que após examiná-lo explicou: “Posso retirar a flecha; se ela sair com traços de seu miolo, morrerá; se não, curar-se-á”. O ferido abraçou o médico: “Agradeço-lhe a boa nova. Pode retirar a flecha, sem temer qualquer traço de miolo”. “Por quê”, perguntou o médico. Porque se houvesse miolo na minha cabeça, não estaria aqui agora. (CHALLITA, 1967)

]

Nesse exemplo o sentido da palavra “miolo”, falado pelo médico, aparece primeiramente como o verbete nos mostraria num dicionário comum, mas no segundo momento o sentido é construído pelo interlocutor, neste caso a palavra em questão assume o sentido de sinônimo de inteligência. Depreender esse sentido “diferente”, mas possível através da interação entre os interlocutores, requer uma compreensão do sentido estabelecido nessa relação entre os interlocutores, sentido esse que seria impossível ser apreendido apenas observando a forma da palavra de forma descontextualizada.

Ainda que o verbete apresente como sinônimo a palavra esperteza, ou inteligência, a ausência da relação, do uso real, não possibilitaria uma inferência precisa e rápida sobre o sentido desejado pelo autor criador do diálogo entre as personagens.

7 CONCLUSÃO

Evidenciamos a importância de se pensar nas relações em situações reais de uso para que se possa construir o sentido nas descrições dos conceitos gramaticais. A gramática tradicional muitas vezes dificulta a compreensão dos sentidos de seus tópicos por falhar em

apresentar definições que tenham como aspecto transversal a noção de relação entre os usuários, falantes ou escritores, que se apropriam da língua para comungarem de suas intenções comunicativas.

Ao apresentar, muitas vezes, apenas conceitos que remetem às formas descritivas dos termos ou de suas classes gramaticais, as gramáticas tradicionais formais dificultam sua própria compreensão e uso. Possibilitar relações entre os conteúdos baseadas em usos reais de situações comunicativas seria um viés a mais na busca da compreensão dos conceitos e termos que a gramática estabelece.

Bakhtin nos trouxe relevantíssima contribuição para nossa compreensão sobre a língua, relações de uso da mesma e de suas possibilidades de construção de sentido, o qual é a finalidade do uso da língua, a rigor o ato comunicativo, o uso real e as reais situações de interação entre os falantes.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRIZUEÑA, D. **O eu e o outro: pensando a alteridade**. [2012]. Disponível em: <http://jornalaconteceu.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=431:o-eu-e-o-outro-pensando-a-alteridade&Itemid=17>. Acesso em: 29 jun. 2012.

CHALLITA, M. **As mais belas páginas da literatura árabe**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **A nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.